

A Colonização do Vale do Itajaí

VASCONCELOS COSTA

UMA das regiões mais discutidas do Brasil tem sido o Vale do Itajaí, em Santa Catarina, famoso pelo seu aspecto social e econômico.

Formou-se ali, por circunstâncias quase fortuitas, um agrupamento étnico, com predominância de correntes imigratórias de origem germânica, dando margem a uma série de discussões e de opiniões as mais contraditórias em torno do assunto.

OS DOLICOCÉFALOS LOUROS DO SUL

Ao longo do Vale, nas cidades que se erigiram sob o impulso da colonização estrangeira, o que se verifica é um insulamento de civilização nórdica e não propriamente o que outros procurariam chamar de enquistamento étnico.

Através de observações feitas, verificamos que não existe, propriamente, preocupação dominante de hegemonia racial, mas, apenas, como é natural, um isolacionismo criado pelas próprias condições ambientes.

Os dolicocéfalos louros, vivendo sob a aragem vivificadora do Vento Sul, não constituem uma população avessa às nossas tradições, contrária aos nossos usos e desrespeitadora de nossas leis. O que se verificava era o descaso do Governo, que não lhes proporcionava escolas brasileiras, que não lhes facilitava o ingresso dos filhos nas fileiras das nossas forças armadas, onde se educam os homens no sentido do amor a este grande País em que vivemos. Claro é que continuavam a viver tranquilos, quase isolados do resto do Brasil, na comunhão bucólica de sua existência de pastores, de homens da lavoura e da indústria, formando-se, com a permissão de nossa própria inconsciência, o que alguns chamam de "Alemanha Antártida". Os dolicocéfalos germânicos, de cabelos louros e olhos azuis, não poderiam certamente ir repetindo, pelo tempo afora, aquêlê apêlo de "doktor" Blumenau, quando, há quase um século pedia escolas ao Imperador Pedro II, que, com tamanha visão de estadista, marcou o início da política imigratória no Brasil. Cumpria ao próprio Governo antecipar à solicitação, para levar o amparo aos imigrantes, permitindo-lhes um maior contato, não

sòmente com as terras que ocupavam, mas, sobretudo, com brasileiros capazes de integrá-los de coração na grande comunhão nacional.

MAIS FORTE DO QUE O HOMEM É A TERRA

O milagre, entretanto, teria que se dar. Mesmo que, durante anos e anos, os alemães do Itajaí tivessem vivido a sua própria vida, sem escolas, sem quartéis brasileiros, onde se educarem na orientação dos nossos costumes, no respeito à nossa Constituição, sentindo o mesmo desejo de soberania que alimentamos, verificou-se o fenômeno, uma espécie de ação catalítica da terra, que, chamada de "Mão" por Homero, pela simples ação da presença, modifica a tendência dos homens, adapta-os a uma nova vida e os faz possuídos de sentimentos melhores e mais justos para com o solo acolhedor.

A terra nova, virgem e bela da América é mais forte do que o homem e o absorverá, certamente, como o vem absorvendo. As velhas civilizações é que poderiam temer infiltrações étnicas, como a Tchecoslováquia, em relação à Alemanha, e os países satélites da Rússia, relativamente a essa potência. Nações como o Brasil, Estados Unidos da América do Norte, Argentina, Uruguai, Austrália, Canadá, África do Sul, nada devem temer neste sentido, pois o imigrante que os procura leva sempre a preocupação do trabalho, tangido muitas vezes por perseguições políticas e religiosas, guiado pelo desejo de viver e prosperar em mundo novo e melhor, onde os seus filhos possam encontrar segurança e outros alentos para a vida.

Dêsse caldeamento admirável de raças, no *milting-post* da atual geração, têm surgido brasileiros patriotas e dignos como Aristides Largura, Hans Jordan, Roberto Grossembacher, Max Amaral e tantos outros que trazem o espírito e o coração voltados para o Brasil.

O certo é que não devemos ensinar ao imigrante o ódio, o desprezo à Pátria de origem, seja ele nórdico, ou eslavo, latino, anglo-saxão ou dos grupos árabes. Isso seria desejar a corrupção e a indignidade para todos aquêles que querem colaborar lealmente no nosso progresso econômico, social e político; seria macular a nossa tradição de povo livre, hospitaleiro e civilizado. Devemos, é certo, aproveitar o ensinamento da terra, aco-

lhendo-os e envolvendo-os na nossa formação social, absorvendo-os pelo exemplo do nosso trabalho e pela segurança que lhes podem proporcionar as nossas leis. Neste particular, tem sido digna a missão do Exército Nacional, facilitando aos valerosos colonos vindos do além-mar no conhecimento mais exato das possibilidades do Brasil, ensinando-lhes o respeito aos nossos heróis e mostrando-lhes o exemplo de nossa história, que nos revela episódios como a luta contra os franceses no Maranhão e no Rio de Janeiro, a repulsa aos holandeses invasores, no Nordeste. A nossa política se baseia em dar aos colonos estrangeiros a segurança do bem-estar social, a possibilidade do trabalho, recebendo-os o Brasil como aos seus próprios filhos, desde que o seu pensamento, como aquêles que se disseminam em casinhas arejadas, bonitas, alegres, no longo das estradas que cortam o Vale do Itajaí, seja o de desejarem o progresso da terra que tão bem os recebeu.

“GEBEGNUNGEM IN BLUMENAU”

O principal problema de imigração no Brasil é, justamente, o que diz respeito à distribuição dos colonos estrangeiros no País. Em virtude das condições de solo e clima, as correntes imigratórias têm se dirigido aos Estados meridionais. Essa preferência e o indiferentismo do Governo em relação a êsse importante aspecto da colonização, tem ocasionado apreciável desequilíbrio econômico, racial e, para o futuro, possivelmente político. O colono europeu poderá adaptar-se facilmente em todos os Estados do País. Em Minas Gerais, Goiás e Bahia, alemães e italianos, eslavos e libaneses têm encontrado o habitat propício à vida.

No Nordeste, aportaram franceses e holandeses, que ali deixaram uma grande descendência.

Melhoradas as condições econômicas do Brasil, se resolverão em decorrência, os demais problemas, tais como estradas, transportes, instrução, alimentação e saúde. O tipo racial brasileiro já se vai pronunciando no Nordeste, com o surgimento de uma raça forte, retemperada para a luta contra o solo. Nação nova ainda, o caldeamento se fará com a eclosão de um grande movimento imigratório, racionalmente feita a distribuição dos colonos pelo território nacional a fim de se evitarem disparidades raciais dentro do país.

Blumenau é o exemplo típico da civilização européia no Brasil. Cidade de aspecto peculiar, progressista e alegre, desempenha, no panorama político atual, o cadinho onde as raças se encontrarão para a formação da civilização americana.

O encontro do bárbaro, do prussiano, do tirolês, com o português transmontano, o “corvado” autóctone que dominava a região, o negro mina ainda assustado do rugido dos leões de Angola e da Guiné, o mestiço, o napolitano, o italiano da Sicília ou da Lombardia, o estoniano quase branco como a neve, assegurará, para o Brasil de amanhã, um tipo étnico de características definidas, retemperado, no espírito, pelo recalque sentimen-

tal de tantas raças heterogêneas e, no físico, pelo amálgama da multiplicidade de sangues diferentes.

O PAPEL DOS LUSITANOS

Os portugueses, intrépidos e valorosos, cujos grandes feitos foram cantados por Camões, nos legaram êste grande patrimônio territorial, que é o Brasil. Acostumados a lutar em terras de África e Ásia, a conquista da colônia na América não lhes pareceu tarefa difícil de se empreender, pois somente um povo de características especiais como o lusitano seria capaz de levar a efeito o domínio das terras remotas do interior dêste país, em época quando o transporte se fazia apenas por intermédio do boi e do cavalo.

Quem quer que visite o Forte do Príncipe da Beira, encravado nas divisas longínquas da Bolívia, depois do grande pantanal, fica sem compreender mesmo, ante aquela sublime contemplação, a maneira pela qual ali se erigiu. O português, valente, destemeroso e aventureiro, nos legou êste grande patrimônio para a posteridade e iniciou a nossa civilização, dando-nos o sentido dêste acendrado amor à terra e o exagerado conceito que cultuamos de soberania política.

Também êste foi o papel do inglês, na América do Norte, que lhe marcou os rumos do adiantamento social e político. Mas, foi, sobretudo, o colono europeu, o eslavo, o nórdico — que lhe traçou esta grande perspectiva de progresso econômico que o faz tão respeitado no concêrto das nações civilizadas.

O Brasil está entrando agora no verdadeiro ciclo do seu adiantamento material, com o advento de uma política imigratória intensiva.

COLONIZAÇÃO NACIONAL

Não se pode, no entanto, subestimar a colonização brasileira, que tem demonstrado a sua capacidade indiscutível, através do exemplo de cidades como Uberlândia, Goiânia, Marília, Recife, Manaus, para não citar uma série de outras mais, construídas pelo esforço do trabalho nacional. País vasto, entretanto, não se pode desprezar o concurso valioso do bom imigrante, capaz de contribuir na criação de um vasto império econômico na América meridional.

O exemplo da colonização do Vale do Itajaí poderia ser difundido em várias outras regiões do Brasil. O sistema de aproveitamento da terra que se desenvolve nos municípios de Itajaí, Brusque, Rio do Sul, Blumenau, Joinville, Jaraguá do Sul, Timbó e outros, com o loteamento da gleba, subdividindo-a em pequenas propriedades, onde o colono constrói a sua casinha bonita e bem cuidada, simples, modesta, mas limpa, arejada, de conforto relativo, onde ainda cria, no pequeno espaço que lhe foi legado, reduzido gado leiteiro e planta uma pequena roça, oferece, sob o aspecto político, o quadro de um ambiente feliz e tranqüilo, onde to-

dos trabalham na luta diuturna pela conquista do triunfo da vida.

O início dessa colonização não resultou de um fator político, de um desejo preconcebido de dominação territorial por parte de potências européias. Foi o Imperador Pedro II, a quem sempre rendemos o preito de nossa admiração e respeito, quem planejou o desenvolvimento daquelas terras sulinas, entregando parte delas ao doutor Blumenau, que voltou à Alemanha e trouxe de regresso dezessete famílias de colonos, daí principiando o nascimento da cidade que lhe veio immortalizar o nome. A outra parte, foi doada ao Príncipe de Joinville, representante da linhagem francesa da Casa de Orleans e Bragança, que jamais poderia pretender, pela sua própria origem franco-lusitana na formação de uma colônia germânica em terras do Brasil.

Nas terras do Principado, como em Blumenau, hoje vive uma população alegre e saudável, descendente legítima dos dolicocefalos louros, mas hoje integrada na grande comunhão social do povo brasileiro.

As civilizações semi-saturadas da Europa não poderão jamais influir nessas tendências desagregadoras, que desaparecerão pela própria força de absorção da terra.

O desenvolvimento industrial do Vale do Itajaí já tem superado o progresso agropastoril, pois inúmeras grandes fábricas, como a Renaux, a Hernig, e outras mais, atestam a capacidade do esforço organizado de um povo inteiramente dedi-

cado ao trabalho e voltado para a cooperação no progresso comum do Brasil, onde fica tudo o que possui — filhos, propriedades e, portanto, o próprio sentimento de Pátria.

ZÍNGAROS E ASSÍRIOS

O Brasil, grande como é, oferece possibilidades de triunfo a todos aqueles que lealmente queiram vir trabalhar em seu território, na luta pela existência.

O imigrante indesejável é o que vem comerciar nos grandes centros urbanos, à cata de especulações e oportunidades, como verdadeiros parasitas sociais. Inútil é, também, o zingaro, que, aos bandos, percorre o interior do País, avesso ao trabalho, iludindo a boa fé dos que ali vivem e muitas vezes furtando as nossas populações indefesas.

Nunca devemos duvidar dos imigrantes, sejam nórdicos ou eslavos, ou de quaisquer outros grupos étnicos, que venham trabalhar as nossas terras, fundar indústrias, aqui se instalando e procurando o Brasil como outra Pátria, onde a vida seja mais livre, mais promissora e feliz.

E' natural que apareçam exaltados e inadaptáveis, exceções que ocorrem em tôdas as sociedades humanas, mas, o que nos interessa é o geral, é a tendência e o desejo da maioria, em adaptar-se ao Brasil, em seguir as suas leis, falar a sua língua e cultivar as suas tradições.

Um dos aspectos mais interessantes do "Ramspeck Act" diz respeito à extensão do "Classification Act". O termo "classificação" tem sentido duplo no sistema pessoal da América do Norte; é bom aviso estremar um e outro, atalhando ambigüidades de interpretação. Um cargo "classified status" significa jurisdição da "Civil Service Commission" que administra o "Civil Service Act of 1883". Tal cargo, pertencendo ao sistema do mérito, será preenchido mediante concurso. Há duas grandes categorias de cargos na América do Norte no que tange à jurisdição do "Civil Service Act": os cargos classificados ("classified") e os não classificados ("nonclassified"). Um cargo, por outro lado, quando analisado e sistematizado consoante o "Classification Act of 1923", tem as suas atribuições e responsabilidades ordenados dentro de um plano geral. Quando um cargo pertence ao sistema do mérito, pôsto sob a égide do "Civil Service Act", é da jurisdição da "Civil Service Commission"; se classificadas as suas atribuições e responsabilidades, visando determinado plano de pagamento que se destina a remunerar trabalho igual com igual vencimento, êste cargo pode estar colocado no sistema do mérito ou não. Uma coisa não implica a outra como podia parecer. Os cargos classificados geralmente pertencem ao sistema do mérito; seria mesmo absurdo pretender que a soma de esforço preliminar à classificação de cargos fôsse sempre orientada no sentido de distribuir cargos de natureza temporária. Há cargos classificados que não pertencem ao sistema do mérito; o número dos "classified status" são em proporção muito maior do que os classificados na base das atribuições e responsabilidades. Um plano de classificação de cargos no sentido jurídico, marcando a existência precária ou não, é fundamental na política do Governo ao definir o sistema do pessoal. Todo cargo, ao ser criado, traz o signo da sua existência. Do ponto de vista técnico, o sistema de mérito não oferece dificuldades; somente as inerentes aos processos conhecidos de recrutar pessoal qualificado. — Paulo Poppe de Figueiredo — R.S.P. — setembro de 1949.